CARREIRA

Escassez de professores desafia a educação mundial

Segundo relatório da Unesco, são necessários mais 44 milhões de professores para atender a educação básica até 2030 em todo o mundo. valorização da profissão está entre principais desafios

Divulgação/UNESCO

Rebeca Otero: abandono da carreira é uma das razões para escassez

Fotos: Arquivo pessoal

Osvaldo Lima de Oliveira está há quase 30 anos na educação

Isadora Capobianco pediu exoneração e reflete se quer seguir a carreira

Breno Mendes, 25 anos, é professor temporário no DF há dois anos

» GABRIELLA BRAZ

O quarto Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4) da Organização das Nações Unidas (ONU) objetiva "assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade" até 2030. Apesar dos avanços nos últimos anos, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) estima que 251 milhões de crianças ainda estejam fora da escola.

As estimativas mostram um longo caminho a percorrer até 2030 para cumprir a agenda e voltar os olhares para outra questão: há estrutura e profissionais suficientes para atender a essa demanda? O Relatório global sobre professores mostra que esse deficit é um desafio mundial.

Segundo o documento, publicado em português em julho, são necessários mais 44 milhões de docentes para dar conta da educação primária e secundária até 2030. O deficit é maior na África Subsaariana, com necessidade de mais de 15 milhões de profissionais, mas atinge países de todos os continentes.

Na América Latina, faltam 3,2 milhões de profissionais. O abandono da profissão é o principal desafio. As condições de trabalho e a carreira pouco atrativa também fazem com que o número de profissionais permaneça aquém do necessário.

Os impactos? Salas superlotadas, professores sobrecarregados, acúmulo de funções e vários fatores que afetam a qualidade da educação. "O problema do abandono é bastante grande, mas a escassez não é só o fator abandono, também tem o fator desinteresse, porque o salário é pouco atrativo, a carreira é pouco atrativa, não há benefícios para o docente, ele não vê uma perspectiva de vida lá na frente sendo professor", destaca Rebeca Otero, coordenadora do Setor de Educação da Unesco no Brasil.

A especialista aponta algumas iniciativas que mostraram melhorias em alguns países, como reajuste dos salários, melhores planos de aposentadoria, diminuição das horas de aula e uso da tecnologia. "Se o professor utiliza bem a tecnologia, ele tem um alívio da carga de trabalho, porque coloca a tecnologia o ajudando, trabalhando para ele", explica.

"A formação docente também pode ajudar muito, mas uma formação que tem a tutoria, que tem um apoio psicológico", ressalta. Otero destaca ainda a necessidade da prática na graduação, para preparar os novos educadores para a realidade da educação.

Repensar a carreira

Aos 24 anos, Isadora Capobianco repensa a carreira que quer seguir. A mineira se formou no início de 2024 em história pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e iniciou a carreira em uma escola pública de Campinas como professora substituta. Foram cerca de seis meses até ela ser convocada para assumir uma vaga efetiva em Cabo Verde, município de cerca de 14 mil habitantes em Minas Gerais.

Isadora relata que teve experiências que a ajudaram na prática em sala de aula, como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) e o Programa de Residência Pedagógica. Ainda assim, más condições de trabalho e a falta de incentivos no plano de carreira começaram a fazer com que ela repensasse se queria continuar atuando na educação.

"Eu fui sentindo uma falta de perspectiva mesmo, de ter dúvida se eu consigo dar aula a longo prazo." Após refletir por um tempo, ela resolveu pedir exoneração do cargo e pensa se deve continuar lecionando ou se muda de carreira.

Embora ame dar aula, a jovem exibe a frustração. "Eu sinto que esse desgaste foi me deixando muito cansada e eu não conseguia mais ser essa professora atenciosa", lamenta. "Então você fala: 'Meu Deus, parece que eu realmente não dou conta, parece que não importa o quanto eu tento planejar as minhas aulas, parece que eu ainda não alcanço os alunos'. E acho que isso é muito frustrante."

Isadora faz parte de uma estatística preocupante apontada pelo relatório: no Brasil, a proporção de professores com até 24 anos caiu 42% entre 2009 e 2021.